



FILMES  
QUE AMO  
— Lauro António

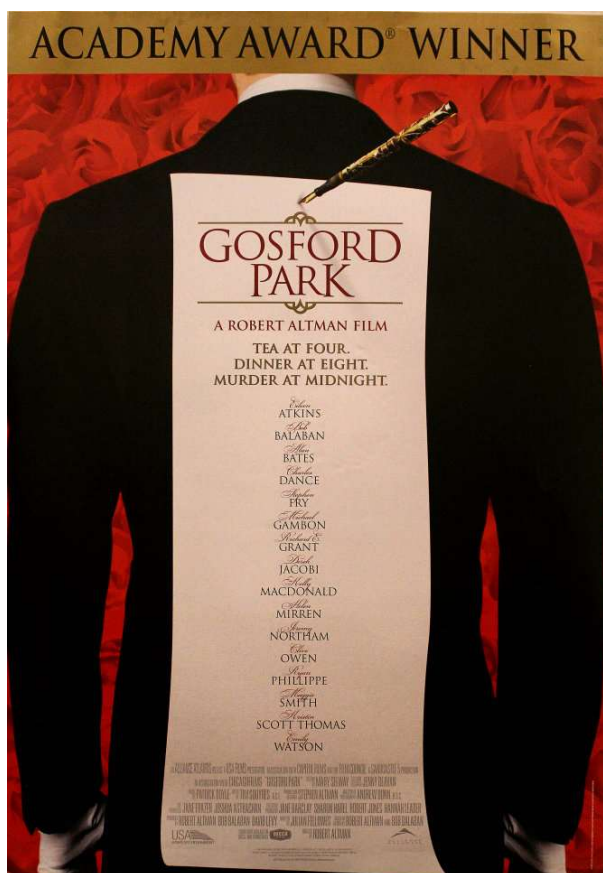
## **FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA 31 MAIO 2021 - 19H00**

### **MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO (entrada livre)**

#### **GOSFORD PARK**

**Título original: Gosford Park**

**Realização: Robert Altman (EUA, Inglaterra, 2001)**



#### **A DITADURA DAS TRADUÇÕES**

Há ditaduras e ditaduras, há censuras e censuras. Há umas censuras oficiais, impostas por ditaduras, há censuras institucionais, há censuras individuais, pessoais. A tradução de livros ou a legendagem e edição em português de certas obras (e a não tradução e a não edição e não legendagem de outras) é uma censura óbvia que impede a escolha do leitor e do espectador. Censura legítima, pois nenhum editor pode traduzir e editar todas as obras de todos os autores de todo o mundo. Nem um editor monta um negócio pra perder dinheiro. Pode é juntar o útil ao agradável. Ele há casos.

Mas entendamo-nos. Eu leio com alguma segurança francês, espanhol, inglês e italiano, este com mais dificuldade, quando se trata de ensaios, sobretudo se dizem respeito a cinema. Já o mesmo não acontece quando me atiro a um romance ou a um livro de poesia. Se não se percebe tudo, perde-se muito do que o original transmite. Leio sobretudo traduções. Neste caso, enfrento limitações de várias espécies. Para já uma tradução nunca "é" o original, por muito boa que seja. Falta-lhe desde logo a sonoridade da língua original. Depois, só posso escolher entre o que os

editores portugueses colocam no mercado (cada vez mais lixo, cada vez menos obras de qualidade). Depois fico dependente da qualidade das traduções (cada vez mais mal pagas e menos cuidadas). Como se percebe vivo neste caso, como noutros, subordinado aos critérios dos editores e estes às regras do mercado. O que é inevitável por um lado, e comporta imensos riscos. Mas sempre é melhor que a censura estatal, que impõe um selecção ideológica rigorosa e tenta assim orientar o pensamento do cidadão. Mas não deixa de ser desagradável esta censura de mercado (que é também uma censura ideológica, mas com escapes possíveis). Neste caos editorial, escolher um livro sem referências é uma sorte e raramente sai a taluda. Comprei agora "O Corpo dela e Outras Partes", da norte americana Carmen Maria Machado e saiu-me a sorte grande. Esta recolha de contos é notável, e boa a tradução (Tânia Ganho), numa edição cuidada da Alfabeta. Mas por uma boa surpresa, quanta desilusão!

Deixando os livros de lado e passando ao cinema, julgo que tudo se agrava. Na exibição comercial cada vez predomina mais o filme abertamente comercial, e só comercial, cada vez com menos interesse. O melhor do cinema sempre foi comercial. Tanto vindo da América, de França, de Itália, da América Latina, da Ásia, até cerca dos anos 80 o melhor do cinema era o cinema dito "comercial". Hoje o cinema "comercial" é regra geral de uma qualidade confrangedora. As salas

que tentam um cinema alternativo ou fecham ou enredam-se num elitismo que, mais tarde ou mais cedo, levam ao encerramento. Na exibição comercial, o cinema atravessa uma crise invulgar.

Podia o espectador cinéfilo ser compensado nos canais de televisão. Ao analisar a programação de cinema de canais generalistas chega-se a conclusões vergonhosas, com uma ou outra excepção. Um filme com mais de 20 anos é uma velharia, um filme a preto e branco é imprestável, filme que não conte com tiros, explosões, massacres em barda e muito sexo metido a martelo não tem sucesso. Esta censura de programação é arrepiante, mas os directores das estações afirmam que é o que o público quer. Curiosamente, nesta altura, o melhor que as televisões apresentam no campo do cinema (ou do audiovisual, se preferirem) são as séries televisivas.

Mas o espectador com um pouco de recursos e algumas preocupações cinéfilas ainda tem (tinha) um escape. A edição em DVD ou Blu-ray das obras que preferir. Os grandes clássicos ou as revelações sempre se podiam comprar e levar para casa para ver no recato da sua sala. Isso foi possível durante algum tempo, hoje em dia é quase impossível desde que se pretendam ver os filmes clássicos, com legendas em português. A selecção dos filmes que entram nas salas é a mesma que daí a meses sai em mercado videográfico. Os mesmos blockbusters, as mesmas charopadas, um ou outro título interessante, e dois meses melhorzinhos com "os filmes dos Oscars". O espectador começa, também aqui a não ter grande escolha, a não ser que recorra à compra de DVDs no mercado internacional, mas sem legendas em português. Queria rever um filme que aprecio em particular, "Nashville", de Robert Altman, só existe cópia em edição americana (que alguns reprodutores não aceitam) ou em alemão. "Nashville" não é um filme apetecível comercialmente em Portugal? Ao que chegámos!

Mas há mais condicionantes. Outro filme que amo trata-se de "Longe do Paraíso", de Todd Haynes, com a Julianne Moore. Existiu uma edição portuguesa, mas passado algum tempo já não se encontra no mercado. Os editores compram os direitos por um certo número de anos e a seguir acabou-se.

A iniciativa privada tem destas coisas: empata-se no que dá lucro economicamente. A iniciativa oficial é mais grave: empata no que dá lucro político. Mas em ambos os casos o cidadão vê cerceada a sua escolha. Vítima de uma qualquer censura. Felizmente ainda há o mercado espanhol que tem quase tudo com legendas em castelhano. Ou a internet, claro. Mas dizem que é pirataria. Pirataria não será tudo o resto?

## **GOSFORD PARK**



Robert Altman foi um dos mais importantes cineastas norte-americanos de finais do século XX, homem irreverente e artista completo, independente dos grandes estúdios e fidelíssimo a um estilo muito próprio, construiu uma carreira de invulgar coerência, ainda que se possa dividir em dois vectores. Um, em que foi rei e senhor, e deixou alguma influência entre cineastas mais

jovens, como Alan Randolph ou Paul Thomas Anderson, e onde organizava os seus filmes em verdadeiros puzzles de múltiplas personagens que se cruzavam, em diferentes cenários; uma outra vertente, mais intimista, secreta, mesmo metafísica, não tão lograda como a primeira. A sua carreira como realizador, iniciada em princípios dos anos 50, conta cerca de oito dezenas e meia de títulos, mas ele começa a tornar-se notado sobretudo a partir de 1970, com "M.A.S.H.", continuando depois com os aludidos filmes puzzle sobre diversos ambientes sociais. Depois de ter sido iconoclasta em relação à guerra e às instituições militares (numa altura em que a América estava enterrado no conflito do Vietname), Altman virou-se para todos os géneros jogando com os estereótipos para os subverter, em obras como "Nashville", o mundo da musica country e as relações com a política; "O Imenso Adeus", o filme negro num remake de "À Beira d Abismo"; "Buffallo Bill e os Índios", o western, o problema índio e a decadência dos heróis; "Um Casamento" ou "O Casal Perfeito", a vida em família, "O Jogador", Hollywood e o universo do cinema, suas glórias e vilanias, sobretudo estas últimas; "Short Cuts - Os Americanos", um implacável retrato da sociedade norte-americana vista de Los Angeles; "Prêt-à-Porter", o mundo



da moda; "Kansas City", outra cidade da música, esta mais ligada ao jazz; "Gosford Park", o filme policial à inglesa; "A Companhia", sobre uma companhia de bailado ou A Prairie Home Companion - Bastidores da Rádio, seu derradeiro filme de 2006 (Altman morreria a 20 de Novembro desse ano, com 81 anos).

A outra veia do cineasta iria manifestar-se em obras como "Aquele Dia Frio no Parque", "A Sombra do Duplo Amante", "Três Mulheres" ou "Quinteto". Títulos interessantes, mais

experimentalistas, se possível, mas não tão logrados.

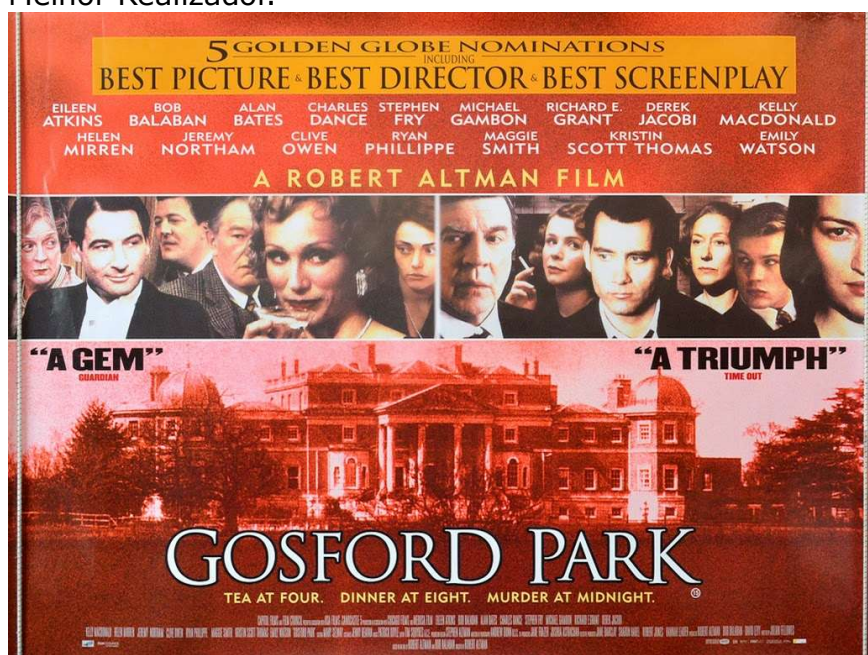
"Gosford Park" parte de uma ideia original de Robert Altman e Bob Balaban e, na sua essência, procura desconstruir um policial à inglesa, daqueles que surgiram em série nos anos 20 e 30, e de que Agatha Christie terá sido o expoente máximo. Um palacete no campo, rodeado por uma herdade onde se caça, vários convidados de um abastado senhor, Sir William McCordle, homem rude e só tolerado pela sua fortuna, e mais trinta e tal personagens, entre "senhores" e "criados", estrategicamente divididos pelos andares da majestosa mansão: os "senhores" em cima, sem mexerem uma palha, os "criados" em baixo, muitos e para as mais diversificadas funções. Quem viu "Metropole", de Fritz Lang, recorda-se mais ou menos do mesmo esquema, ali em antecipação científica, aqui em análise sociológica do passado (não tão longínquo assim).

Claro que entre os "senhores" existe uma hierarquia bem definida, por linhagem e capital, condes, baronesas, duques, homens de negócios, actores de cinema ou produtores de filmes, convivem, mas guardando as distâncias. Na parte inferior da residência, os "criados" obedecem ao mesmo rigoroso critério, há uma ordem estabelecida que não pode ser subvertida. Quem o faz, mesmo que de forma não intencional, é repreendido e colocado imediatamente no seu lugar. Os empregados que acompanhando os convidados não podem usar os seus nomes próprios, mas adquirem os dos seus patrões, "para facilitar a vida a todos". Um "criado" não tem direito a identidade, não é bem da mesma humanidade que um "senhor", e entre os "criados" há os que são mais e outros que o são menos. Há mesmo "criadas" para todo o serviço. Aliás, em cima e em baixo, as necessidades da condição humana imperam. Mais requinte no alto, mais primarismo em "downstairs". Com uma outra envergadura, relembra a série de humor inglês de finais dos anos 50, "Escada Acima, Escada Abaixo" (Upstairs and Downstairs).

O argumento é de uma inteligência e lucidez notáveis e de um cinismo esplendoroso: os retratos destas personagens de antologia são inesquecíveis, em parte devido ao seu desenho psicológico, à sua definição social, em parte em função do trabalho de um elenco de uma desmedida ambição que junta cerca de três dezenas de actores de primeiríssimo plano que preenchem de densidade as figuras para que foram contratados. Não há protagonistas nesta obra, há mais de trinta e tal personagens que se cruzam e descruzam ao longo de duas horas, sem uma quebra de tom. De

repente surge Maggie Smith, Michael Gambon, Kristin Scott Thomas, Tom Hollander, Jeremy Northam, Bob Balaban, Stephen Fry, Kelly Macdonald, Clive Owen, Helen Mirren, Eileen Atkins, Emily Watson, Alan Bates, Derek Jacobi, Richard E. Grant, e tantos outros. Sente-se a liberdade de acção que Altman conferia sempre aos seus actores, deixando-os improvisar, falarem uns por cima dos outros, em busca de uma verdade que quase sempre lograva. Por isso todos os actores amavam trabalhar com ele, não se importando de aparecer em pequenos papeis que tornavam grandes papeis à força de talento e rigor. Veja-se a título meramente de exemplo, os casos de Maggie Smith ou Helen Mirren. Inesquecíveis. Curiosidade: todas as personagens são mais ou menos ficcionadas, com excepção de Ivo Novello que foi efectivamente um cantor e actor britânico que actuou em muitos filmes, nomeadamente em "O Inquilino Sinistro" (The Lodger: A Story of the London Fog), de Alfred Hitchcock, rodado em 1927.

Esta obra de Robert Altman conheceu um enorme sucesso de público e de crítica, tendo ganho numerosos prémios. No IMDB constam 33 prémios e 73 nomeações. Entre os principais temos os Oscars da Academia. Ganhou o de Melhor Argumento Original, e foi nomeado para Melhor Filme, Melhor Realizador, Melhor Actriz Secundária (Helen Mirren e Maggie Smith), Melhor Direcção Artística e Melhor Guarda-roupa. Nos Globos de Ouro, Robert Altman ganhou o de Melhor Realizador.



## GOSFORD PARK

**Título original:** Gosford Park

**Realização:** Robert Altman (EUA, Inglaterra, 2001); **Argumento:** Julian Fellowes, Robert Altman, Bob Balaban; **Produção:** Robert Altman, Joshua Astrachan, Bob Balaban, Jane Barclay, Julian Fellowes, Jane Frazer, Sharon Harel, Robert Jones, Hannah Leader, David Levy; **Música:** Patrick Doyle; **Fotografia (cor):** Andrew Dunn; **Montagem:** Tim Squyres; **Casting:** Mary Selway; **Design de produção:** Stephen Altman; **Direcção artística:** John Frankish, Sarah Hauldren; **Decoração:** Anna Pinnock; **Guarda-roupa:** Jenny Beavan;

**Maquilhagem:** Jan Archibald, Anita Burger, Deborah Jarvis, Sallie Jaye, Sharon Martin, Astrid Schikorra, Loulia Sheppard, Kate Thompson, Norma Webb; **Direcção de Produção:** Joseph Jayawardena, Tori Parry; **Assistentes de realização:** Sara Desmond, Carlos Fidel, Richard Styles; **Departamento de arte:** David Balfour, Chris Brown, James Foster, Tony Graysmark, Bryce Johnston, Maria Newsham, Shirley Robinson, etc. **Som:** Benjamin Bober, John Cochrane, Peter Glossop, Nigel Mills, etc. **Efeitos especiais:** Stuart Brisdon, Paul Clancy, Mark Haddenham; **Efeitos visuais:** Simon Hughes, Simon Minshall, Stuart Pearson; **Companhias de produção:** USA Films, Capitol Films, Film Council, Sandcastle 5 Productions, Chicagofilms, Medusa Film;

**Intérpretes:** Maggie Smith (Constance Trentham), Michael Gambon (William McCordle), Kristin Scott Thomas (Sylvia McCordle), Camilla Rutherford (Isobel McCordle), Charles Dance (Raymond Stockbridge), Geraldine Somerville (Louisa Stockbridge), Tom Hollander (Anthony Meredith), Natasha Wightman (Lavinia Meredith), Jeremy Northam (Ivor Novello), Bob Balaban (Morris Weissman), James Wilby (Freddie Nesbitt), Claudie Blakley (Mabel Nesbitt), Laurence Fox (Rupert Standish), Trent Ford (Jeremy Blond), Ryan Phillippe (Henry Denton), Stephen Fry (Inspector Thompson), Ron Webster (Dexter), Kelly Macdonald (Mary Maceachran), Clive Owen (Robert Parks), Helen Mirren (Mrs. Wilson), Eileen Atkins (Mrs. Croft), Emily Watson (Elsie), Alan Bates (Jennings), Derek Jacobi (Probert), Richard E. Grant (George), Jeremy Swift (Arthur), Sophie Thompson (Dorothy), Meg Wynn Owen (Lewis), Adrian Scarborough (Barnes), Frances Low (Sarah), Joanna Maude (Renee), Teresa Churcher (Bertha), Sarah Flind (Ellen), Finty Williams (Janet), Emma Buckley (May), Lucy Cohu (Lottie), Laura Harling (Ethel), Tilly Gerrard (Maud), Will Beer (Albert), Leo Bill (Jim), Gregor Henderson-Begg (Fred), John Atterbury

(Merriman), Frank Thornton (Mr. Burkett), etc.

**Duração:** 131 minutos; Distribuição em Portugal: Lusomundo; Classificação etária: M/ 12 anos;  
Data de estreia em Portugal: 22 de Março de 2002.

**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL SEGUNDA 07 JUNHO 2021**

**MASTERCLASS: FILMES QUE AMO 19H00 (entrada livre)**

**NIÁGARA**

**Título original: Niagara**

**Realização:** Henry Hathaway (EUA, 1953)| m/12 – 92 Minutos